

O CULTO AOS CURRÍCULOS: MOVIMENTOS SOCIAIS, FETICHIZAÇÃO E A PRODUÇÃO DO OUTRO A SER COMBATIDO

Alexandre Luiz Polizel

Programa de Pós Graduação em ensino de Ciências e educação Matemática – UEL

E-mail: Alexandre_polizel@hotmail.com

RESUMO

Com velas no chão, cânticos, peregrinações e um conjunto de ritos, se adora uma divindade. Em 2014 o mesmo pode ser visto na elaboração dos Planos Nacionais de Educação: cruzada contra a “ideologia de gênero”, rezas, evocações ao divino. Vozes que ecoavam para o artefato que garantiria a manutenção da existência de uma divindade, o currículo. O currículo assim seria a nova estatueta de gesso, aquele que garantiria que os saberes formativos encontravam-se de acordo com a moralidade heteronormativa. Movimentos de resistência não se calaram, clamavam em suas preces pela continuidade dos termos ‘gênero’, ‘diversidade sexual’, ‘etnia’ e ‘regionalidades’. Tanto para movimentos conservadores, quanto para movimentos progressistas, o currículo foi divinizado. Enquanto um grupo crê na manutenção do *status quo* por meio deste, outros creem na possibilidade resistências e exploração de potencialidades. É neste contexto e, sob as lentes dos Estudos Culturais e Foucaultianos que, o presente ensaio tem por objetivo trilhar pelo culto aos currículos, tocando em três paradas: a) O currículo como produtor do Outro como mal a ser combatido; b) o currículo e o processo de fetichização; e, c) os movimentos sociais e suas reverberações curriculares.

Palavras-chave: Currículos; Estudos Culturais; Movimentos sociais; Gênero; Sexualidade.

AOS CULTOS...

Abre-se as portas do culto. E que comece com uma descrição ritualística dos acontecimentos.

São com velas no chão, cantigos, ritos e peregrinações, que produz-se artefatos, louva-se entidades e, canoniza os salvadores. Logo, quando os cânones se instituem, ninguém pode critica-los ou desconfiar de suas verdades, é um discurso de dogma que é invocado. Consequente, é neste percurso ritualístico que os currículos tem sido tratados quando tocam-se as questões de gênero.

Realização:

Apoio:





Poderia regredir a década de 60, com a erupção dos movimentos sociais minoritários (feministas, negros, LGBT, trabalhadores, do campo, das matas), contudo, os acontecimentos que tocavam as políticas públicas educacionais de 2014 me afetaram mais intensamente. Presenciei e senti o calor, dos ritos de produção curricular e, a tentativa de diviniza-lo. Acompanhando por mídia televisiva e redes sociais, a aprovação do Plano Nacional de Educação, no dia 3 de junho de 2014 e, presencialmente, as votações na câmara municipal de Maringá-PR, a votação do plano Municipal, nos dias 17 e 18 de junho de 2015.

Em vistas disso, divulgações midiáticas sobre o tema traziam informações como a publicada no jornal G1, da globo, no dia 19 de junho de 2015:

A Câmara Municipal de Vereadores de Maringá, no norte do Paraná, aprovou, por unanimidade, o Plano Municipal de Educação na sessão de quinta-feira (18) [...] grupos contrários e a favor da inclusão do item "Implementar políticas de prevenção à evasão motivada por preconceito e discriminação racial, por orientação sexual ou identidade de gênero", lotaram o plenário para pressionar os vereadores (G1, 2015, s/p/).

A ideia veiculada, é de um debate e posterior votação que ocasionou na unanimidade, um "ritual democrático" que garantia a presença ou ausência dos termos em um documento oficial que norteia as produções e aplicações curriculares. Conquanto, prefiro dar a esta liturgia um novo olhar, descrevendo-o de acordo com as lentes de um dos presentes (a minha). Tão logo, permitam-me contar tal história, na introdução deste ensaio teórico.

Chego na plenária para o início da sessão de quarta-feira (17/06/2017), no período noturno, poucos lugares encontravam-se disponíveis, a maioria dos mesmos estavam ocupados ou reservados por/para caravanas organizadas por grupos religiosos cristãos. Outrosim representantes de movimentos sociais minoritários também estavam presentes.

Como todo culto, iniciou-se pontualmente com a reza de um Salmo 39: "A salvação dos justos vem do senhor. Sua fortaleza perante a adversidade", delineando claramente quem seriam os justos presentes, a cerimônia é iniciada. Os justos já estavam eleitos, de modo que o plano de educação vai para sessão já com os termos "gênero" e "diversidade sexual" suprimidos, bem como realizado no

Realização:



Apoio:



processo nacional. Todavia, o sermão do dia, a mensagem, mantém-se em torno destes termos. O tom é de um culto, no qual emanam frases como: “Esta ideologia de gênero tenta instaurar-se para destruir a família, a moral e os bons costumes”, da boca de um vereador ligado as frentes conservadoras. A plateia emana suas respostas: “Maringá é de Jesus” de um lado e, “Machistas, fascistas, não passarão” de outro. Não se tem o que discutir, os cânones estão nas palavras distribuídas por quem sobe ao palanque. Apenas vereadores estavam autorizados a pregar...

A ritualística, para mim, se assemelhava a produção da imagem de um santo de gesso: frágil, facilmente quebrável, oco. Imagem produzida pela mão apenas de um artesão, de modo que estava estabelecida a priori qual seria a forma final. Os moldes vieram do Plano Nacional de Educação, os textos eram cópias.

A vista disso, os movimentos, que chamarei aqui de conservadores (aqueles que direcionavam a suas preces para manutenção do *status quo*), queriam manter a forma pré-estabelecida da imagem de gesso e, uma resistência (que clamavam pela manutenção de direitos conquistados por meio de movimentos sociais minoritários e de pesquisas em educação para as sexualidades), que buscavam pintar a imagem com múltiplas cores. Ambos coletivos, naquele instante, em meio a seus afetos e intencionalidades, divinizavam a miniatura sacramentada.

É este ritual, ao qual fui participante e tocou-me profundamente, que me leva a pensar o currículo como um artefato divinizado. São considerações sobre esta divinização e crença na salvação via currículo, que tenho por objetivo compartilhar neste ensaio teórico. Assim, penso neste manuscrito em vascular por três eixos: a) O currículo como produtor do outro; b) O currículo e o processo de fetichização; e c) Os movimentos sociais e suas reverberações curriculares.

UM BREVE SUSPIRO ANTES DE SEGUIR

Este trabalho tem claramente o enfoque nos ‘currículos’ e nas ‘verdades’, assim, vejo ser de suma importância, antes de adentrar os trilhos que este ensaio seguirá, apresentar onde forjo minhas lentes para pensar os currículos e as verdades.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Quando trata-se de currículos, sou afetado por Antônio Moraes e Tomas Tadeu da Silva (2015), Tomas Tadeu da Silva (2002; 2001), Ivor Goodson (2008), Carvalho et al. (2015), Carvalho e Polizel (2016) e, Polizel (2016). Nesta influencia, vejo o currículo como um artefato cultural, produzido no interior das tramas das micropolíticas e das relações de poder, sem significado fixo, em constante fluxo e *de vir, o vir-a-ser*. Este currículo, em constante produção, em seu aspecto político: analisa, organiza, elege e legitima saberes como formativos, em detrimento a outros. Tais saberes normativos, compõe o corpus dos saberes ‘validos’ que estarão oficialmente sendo discutidos no interior da instituição escola. É um currículo que tenta institucionalizar o que se pode ou não falar no espaço escolar, contudo, suas fronteiras são constantemente transbordadas no chão da escola. Logo, se tenta capturar o corpo e a mente e fixa-lo no que a instituição comporta (aliás, “quais corpos cabem na instituição escola? Quais corpos o currículo comporta?”, levanto estas indagações mas meu foco não é desenvolver-las nesta obra, deixarei para futuras).

Neste tocante, como discuto em minha monografia *Histórias, violências e desalojares: a trajetória de LGBT nos espaços de ensino* (POLIZEL, 2016) os currículos e as políticas públicas não delineiam apenas práticas metodológicas, conteúdos e valorações que serão desenvolvidos na escola, na verdade o componente de “saberes eleitos” encontra-se interligado a constituições de ser, as possibilidades de si. São estes saberes que conduzirão relações no espaço escolar, que serão componentes de história de vida e agenciadores de sentimentos e desejos.

Destarte, o currículo como um validador dos saberes e, dos *modus* possíveis de se constituir, encontra-se relacionado também com o que é passível de ser verdadeiro e o falso, do natural e anormal, do normal e do desviado. Não posso aqui deixar de pensar no meu *interessamento* por Michel Foucault (2008), que nos ajuda a compreender que esta produção de saber-verdade, encontra-se submersa nas relações de poder, que, apenas alinhavadas em determinada conformação, permitem que uma enunciação se torne enunciado e se mantenha, ou seja, para que a verdade em produção passe a vigorar são necessárias discursividades alinhadas para tal. É sob esta perspectiva que penso a ritualística invocada em torno da

REALIZAÇÃO



APOIO



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



produção curricular, como tramite legislativo, como um processo de alinhamento das discursividades para permitir que o documento se estabeleça como verdadeiro.

Compreendo que esta pausa foi sucinta e as vezes rápido demais, contudo, espero que auxiliem a ler esta trabalho com suas lentes alinhadas para tal meridiano.

O CURRÍCULO COMO PRODUTOR DO OUTRO

É partindo de um currículo que organiza, analisa e elege saberes como formativos, demarcando o existir do verdadeiro, do natural, do normalizado, agenciando sentidos e afetando as constituições do sujeito e seus modos de vida (POLIZEL, 2016; POLIZEL, CARVALHO, 2016, SILVA, 2001), que passamos a pensar nas produções de si e do Outro.

Empresto de Tomas Tadeu da Silva (2014), as considerações que este elenca sobre a produção da identidade e diferença, em um jogo de espelhos. O autor, nos auxilia a pensar a identidade, como uma demarcação do que não se é, de algo que nos diferencia do Outro. A diferença assim é sempre criada antes da identidade, ela é a referência para situar o território que não estou, quem não sou, ou melhor, ao que eu quero me diferenciar. Vale a ressalva, de que este inserir a identidade em cena, é algo momentâneo, pois o 'não ser' e o vir-a-ser/devir é uma produção em fluxo constante.

Em meio aos jogos de verdade, a diferença tem sido utilizado e clamada como anormalidade e/ou desvio. Neste montante, é o sujeito que encontra-se neste desvio que chamamos de Outro (Pensemos por exemplo durante a seção de votação dos Planos de Educação em Maringá, tinha-se de um lado os *Justos*, a normalidade, do outro, tinha-se os *Outros*).

A produção do Outro, como ser diferenciado, tem seus efeitos. Silvia Duschatzky e Carlos Skliar (2000), demarca três *modus* de produções do Outro, no que toca a diversidade na escola: a) O Outro como um sujeito pleno de um grupo, ou seja, como se a identidade de determinado coletivo fosse homogeneizadora de seus componentes; b) O Outro como alguém a ser tolerado; e c) O Outro como um mal a ser combatido, um inimigo, um perturbador da ordem.

Realização:



Apoio:



É neste olhar para o Outro, que proponho um retorno a vivência efetuada na câmara de Maringá, um olhar por duas mascaras, duas lentes: i) Para aqueles ditos conservadores, que brigavam pelo apagamento das palavras gênero e diversidade sexual dos planos de educação, viam nestes termos a possibilidade de um currículo a produzir uma deturpação dos preceitos morais, da família e da normalidade, ou seja, o Outro que foge a heteronormatividade é um mal que deve ser combatido; já ii) aos movimentos sociais minoritários, presentes na plenária, os termos assegurariam uma possibilidade de pluralidade no espaço escolar, derivando a um respeito e a tolerância. Ambos os grupos acreditavam, rezavam e clamavam no currículo, uma possibilidade de salvação, a diferença eram os objetivos dos ritos que iam da 'eleição de demônios' ao conclave pela tolerância via uma conscientização. Ambos clamavam pelo superior, o exorcismo para expurgar e a sanidade para tolerar, influenciado por Nietzsche (2004) vejo que o homem necessitava de uma entidade mítica para solucionar o seus problemas. Santificaram então o currículo em produção e, nele depositaram sua crença. Assim, como se o totem mantivesse se fixo, como se ele definisse se vem chuva ou não.

É neste cenário, que é crucial a invocação e a produção do Outro, para o culto aos fetiches, seja a missa sobre os demônios ou sobre a tolerância.

O CURRÍCULO E O FETICHE

Mantemo-nos em nosso eixo central: o culto aos currículos, mas balizamos por um segundo trajeto peregrinativo que nos leva a esta divindade, a fetichização. Meu desejo por este verbo dar-se-á sob as lentes e influencias de Tomas Tadeu Silva (2001), ao qual me fundamentarei em todo este eixo. Silva (2001, p. 71), pontua que o fetiche:

Apresenta-se como visceralmente material, mas invoca, ao mesmo tempo, o que há de mais inapelavelmente transcendental. É matéria e é espírito. Humano e divino. Conceito e coisa. Autônomo e dependente. Tem um pé neste mundo e um olho no outro. O fetiche, num mesmo movimento, afirma e nega. Fascina e repugna. Reafirma a centralidade do sujeito europeu no mesmo gesto em que denuncia seu fascínio e sua curiosidade pelo outro colonizado.

Realização:



Apoio:



E segue nos instigando a pensar se não seria o fetiche bom para pensar o currículo (SILVA, 2001, p. 73). Portanto, se aquele não nos faz colocar em cheque as relações curriculares como material e ao mesmo tempo transcendental. Se o currículo não elege os forasteiros e os nativos, o exótico e o normalizado (SILVA, 2015; 2001). Assim, não seria interessante pensar o fetichismo para e pelo currículo?

Aqueles, que se autodenominam nativos são incapazes de perceber o currículo como sua própria criação, bem como o estabelecimento da norma, os forasteiros, percebem as incoerências dos nativos e denunciam-as e, no entremeio, ambos usam de suas manhas e malícias para fetichizar em zonas ainda não exploradas, escuras e, impensadas. É então, por meio do fetiche que ocorrem as clandestinidades (SILVA, 2001).

Voltamos nossos holofotes então para o acontecido e, alocamos em nossos rostos, novamente as duas mascaras: a) de grupos conservadores, que não veem que estabelecem padrões de saberes validados e de normalidades que surgem efeitos sobre as minorias sociais e, b) os coletivos sociais minoritários, que denunciam as malícias dos conservadores, que conclamam para um olhar dos possíveis efeitos de tal documento, que querem mais timbres no culto e não a manutenção da mesma entonação. No desejo de uns e outros, há a malícia do fetiche, sendo que o primeiro busca a manutenção de seu privilégio, do *status quo* e da ordem e, o segundo, busca a conquista e a possibilidade de ocupar mais espaços, de ter seus saberes dados como validos, de poder constituir-se.

É o fetiche, que provem de feitiço, que encanta e fascina, mas que rejeita o estranho (SILVA, 2001). Os movimentos sociais minoritários se encantam, se fascinam e veem no currículo um possibilidade de ser contemplado e agrado. Os grupos conservadores, veem no feitiço algo que perturba a ordem, uma superstição, um malefício, é este que deve ser rejeitado.

Para Silva (2001), o fetichismo seduz e coloca o currículo como uma mercadoria exposta nas vitrines, seduz ambos os grupos. Esta sedução, o agenciamento de nossos desejos, leva-nos a querer comprar este produto acreditando que teremos um pacote inteiro de satisfação. Para tanto, a publicidade

REALIZAÇÃO



APÓLO



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



quando atua sobre o currículo, constrói o desejo como se ele fosse um todo concatenado, seduz-nos e leva a aquisição do produto (LARRAURI, 2009), um delírio.

É neste tocante, que um segundo acessório a ser colocado na batina é evidenciado: O fetiche ao currículo. Entre a não identificação de que é seu grupo é privilegiado e estabelece normas para manter esta ordem dos gozos, ao denunciar estas normas e colocar as controvérsias em evidências, do se fascinar ao rejeitar o estranho e, do comprar o produto “currícular” como um todo que manterá a norma e/ou abrir novos espaços. Estes eixos geram a crença via fetichização. Como a criança, que vendo sua mãe ser castrada sexualmente pelo pai, faz para ela um pênis (exemplo utilizado por Silva, 2001).

DOS MOVIMENTOS QUE TOCAM OS CURRÍCULOS AOS CURRÍCULOS QUE TOCAM OS MOVIMENTOS

Adiante, movimentando-se e chegando ao terceiro eixo a ser discutido neste escopo: os movimentos sociais. O que presenciei na câmara municipal de Maringá, foram movimentos sociais organizados atuando na produção dos currículos. Demarco assim dois movimentos, um movimento conservador, que conserva o *status quo* e seus emaranhado de privilégios com a conformação atual da “ordem” e, movimentos sociais minoritários, que tem e tiveram suas vozes abafadas, mas não cansavam de gritar por (re)ajustes no documento a fim de uma polifonia. Em vista disso, é nesse sentido que os movimentos sociais produzem currículos e, são produzidos por eles.

O processo de produção, antes, durante e após a construção dos planos de educação - mobilizaram muitos sujeitos (inclusive me mantem em mobilização até este momento em que escrevo esse trabalho) e, a presença dos indivíduos nas câmaras municipais, estaduais e nacional desloca e modifica a dinâmica da construção de tal documento. Desta forma, as prévias e os processos sempre são revisionadas e rasuradas.

Nesse transito, Miguel Arroyo (2015) nos contribui pontuando que os currículos são componentes culturais que afetam a constituição de si. Nos currículos

REALIZAÇÃO



APOIO



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



atuais dos cursos de formação, estarão registrados os conflitos e trações de poder que moldaram os Planos de Educação atuais? Os argumentos utilizados para supressão dos termos gênero e diversidade sexual comporão a ata das câmaras? Os argumentos de movimentos conservadores e de minorias sociais constam nos autos? Evidente que não. Este apagamento do processo vai de encontro a um currículo do saber neutro, um currículo dos conteúdos sintetizado, um currículo do verdadeiro, onde não há espaços para conflitos. Nesse espaço as discriminações de gênero, etnia/raça, regionalidade e diversidade sexual são reduzidas a ‘todo tipo de discriminação’ (CARVALHO et al., 2015). A invocação da neutralidade é uma estratégia para divinificação, de modo que, o neutro abarca sem distinções, como um deus único e salvador, reduzido a um único termo.

É sob esta máscara que no currículo neutro o saber é único e formativo a todos. Nesta face que os currículos turísticos são invocados, sendo as temáticas das diversidades discutidas em semanas temáticas (LGBT, índio, dia da mulher, combate a violência, negritudes) pontuais, por iniciativa de um associar específico de professorados e, onde visita-se apenas a exotividade do Outro, mantendo sua posição de normalidade; ou currículos terapêuticos, no qual fala-se das desigualdades sociais apenas após situações de violência, para minar/tratar o problema (SILVA, 2015; SANTOMÉ, 2013). O divino é neutro, então todos tem espaço se alinharem-se ao mesmo saber eleito (aos justos, o currículo salva, mas não a todos). Entretanto, para esta santidade, seus seguidores rezam por uma não degenerescência de si, que seria gerada pela perturbação a ordem gerada pela presença dos Outros, os demonizados, os não justos, os que não abraçam o saber eleito, os ideólogos.

Em contrapartida, movimentos sociais minoritários revelam que as identidades e diferenças tem suas particularidades, suas lutas e suas histórias, que não existe um padrão de normalidade, mas múltiplas possibilidades de ser. Para estes, os termos possibilitariam que fosse assegurado o trabalho com tais temáticas de forma obrigatória por sua explicitidade (SILVA, 2015). A multiplicidade que coloca em cheque que o divino olharia por uma perspectiva da diferenciação (que existe a diferença produzida e não do diferente), colocando em cheque a normalidade. A divindade aqui tem várias faces, os vários modos de pensar são abarcados. Os

REALIZAÇÃO



APOIO



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



currículos regidos por esta divindade, ao qual rezam, se direcionam a uma consciência de si, conhecendo os percursos e trajetões da construção e das histórias das identidades e diferenças.

É neste sentido que os movimentos sociais produzem e são produzidos pelos currículos, e que clamam em seus cultos por: a) uma não degenerescência de si, das normas instituídas que devem ser mantidas e não perturbadas; ou b) de uma consciência de si, que pode ser alcançada por conteúdos escolares que tratem as trajetórias e percursos sob uma perspectiva da diferenciação. O foco, quando trata-se de movimentos sociais é pensar, pelo que rezam e o que os fizeram rezar, o que os constituíram e o que estes buscam constituir.

LONGE DE UM FIM...

Reconheço que trilhamos por caminhos tortuosos nos quais, percorremos por aspectos que levam-me a pensar uma divinização do currículo. Tocando i) na produção do Outro como sujeito a ser tolerado ou demonizado; ii) no fetiche aos currículos que agencia desejos e rejeita o estranho; e, iii) nos movimentos sociais como constituintes e constituidores da divindade, clamando por uma consciência de si e/ou uma não degenerescência de si. Inspiro-me em Nietzsche (2004) ao pensar que nesse trabalho enquanto provocação e por intuito provocar e abrir espaços para diálogos, como um mestre que coloca-os em alerta, até mesmo contra si próprio.

Assim, compreendo que este trabalho é apenas o início de um trilho, longe de um fim. Poderiam me dizer que muitos já denunciaram e convidaram a olhar com olhos críticos e duvidosos aos currículos, se pensaram assim ao fim deste texto, pedirei desculpas por ter me expressado mal ou os convidarei a lê-lo de novo. O que eu faço aqui, é pedir cautela para não colocar o currículo no altar e canoniza-lo e esperar a salvação que provirá deste, como fazemos com uma estátua de gesso. O que quero colocar em cheque é a divinização curricular e pensar nos efeitos destas. Destarte, não gostaria de fechar este trabalho, mas convida-los a também trazer os problemas à nossa vista.

REALIZAÇÃO



APOIO



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. Os movimentos sociais e a construção de outro currículos. **Educar em revista**, 55, 2015, p. 47-68

CARVALHO, F.A.; POLIZEL, A.L; SANTANA, N.N.; SANCHES, K. Políticas públicas e (in)visibilidades escolares: Entre (des)conhecer, apagar e trabalhar com o combate à violência de gênero. In: CORREA, C.M.A; MAIO, E.R. **Observatório de Violência de gênero: entre políticas públicas e práticas pedagógicas**. Curitiba: CRV, 2015 p. 99-114

DUSCHATZKY, Sílvia; SKLIAR, Carlos. Os nomes dos outros: reflexões sobre os usos escolares da diversidade. **Revista Educação e Realidade**, 25(2), 2000, p. 163-177

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008

G1. GLOBO. Câmara de Maringá aprova Plano Municipal de Educação com emendas. **Jornal G1-Pr de 19 de junho de 2015**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/noticia/2015/06/camara-de-maringa-aprova-plano-municipal-de-educacao-com-emendas.html>>. Acesso em 20 de abril de 2017

GOODSON, Ivor F. **Currículo: Teoria e História**. 8 ed. Petropolis: Vozes, 2008

LARRAURI, Maite. **O desejo segundo Gilles Deleuze**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009

MOREIRA, Antônio Flavio Barbosa; SILVA, Tomas Tadeu. **Currículo, Cultura e Sociedade**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2002

NIETZSCHE, Friederich. **Aurora: reflexões sobre os pensamentos morais**. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

POLIZEL, Alexandre Luiz. **Histórias, violências e desalojares: a trajetória de LGBT nos espaços de ensino**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciado em Ciências Biológicas). Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Biologia, 2016

POLIZEL, Alexandre Luiz; CARVALHO, Fabiana Aparecida de. Um currículo que violenta: invisibilidades e reações pós apagamentos. **Anais do I Congresso Internacional de Estudos de gênero - Uma década da Lei Maria da Penha: Percursos, práticas e desafios**, 2016, p.88-92. Disponível em: <http://media.wix.com/ugd/c31adb_809608c6367e4aae89bd0484f4eb1967.pdf>. Acesso em 20 de abril de 2017

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação





SANTOMÉ, Furjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: Silva, Tomas Tadeu da. (Orgs.) **Alienigenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 155-171

SILVA, Tomas Tadeu da. A produção da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomas Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. (Orgs.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15 ed. Petrópolis: Autêntica, 2014, p. 73-102

SILVA, Tomas Tadeu da. **Documentos de identidade: Uma introdução às teorias do currículo**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015

SILVA, Tomas Tadeu. **Currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. 2 ed. Belo Horizonte: Autentica, 2001

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



THE CULT TO THE CURRICULUMS: SOCIAL MOVEMENTS, FETISHIZATION AND THE PRODUCTION OF OTHERS TO BE COMBAT

ABSTRACT

With candles on the floor, songs, pilgrimages and a set of rites, one divines worship. In 2014 the same can be seen in the elaboration of the National Plans of Education: crusade against "gender ideology", prayers, evocations to the divine. Voices echoed to the artifact that would ensure the maintenance of the existence of a deity, the curriculum. The curriculum would thus be the new plaster statue, one that would ensure that the formative knowledge was in accordance with heteronormative morality. Movements of resistance were not silent, they cried out in their prayers for the continuity of the terms 'gender', 'sexual diversity', 'ethnicity' and 'regionalities'. For both conservative movements and progressive movements, the curriculum was deified. While one group believes in maintaining the status quo through this, others believe in the possibility of resistance and exploitation of potentialities. It is in this context and, under the lenses of the Cultural and Foucaultian Studies, that the present essay aims to track the cult of the curricula, playing in three stops: a) The curriculum as a producer of the Other as evil to be fought; B) the curriculum and the fetishization process; And, c) social movements and their curricular reverberations.

Keywords: Resumes; Cultural Studies; Social movements; Genre; Sexuality.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação

